

# Sumário

Lista de quadros .....	11
Lista de abreviaturas e convenções.....	15
Prefácio — <i>Maria Helena de Moura Neves</i> .....	17
Apresentação.....	21
<b>1. Propriedades dos prefixos</b> .....	<b>25</b>
1.1 Não subespecificação categorial.....	26
1.2 Combinatória monocategorial ou policategorial.....	27
1.3 Classe categorial do produto e propriedades de recategorização do prefixo.....	28
1.4 Estrutura prosódica .....	31
1.5 Prefixos ‘preposicionais’ e prefixos ‘adverbiais’/ modificadores .....	33
1.6 Prefixos ‘externos/léxicos’ e prefixos ‘internos/funcionais’ .	35
1.7 Intervenção na estrutura argumental e aspectual da base....	37
1.8 Síntese: produtos com prefixos de valor preposicional e com prefixos de função modificativa/adverbial.....	42

1.9	Propriedades das bases e classes de prefixos.....	44
1.9.1	Natureza das bases adjetivas e possibilidades combinatórias.....	44
1.9.2	Restrições aspectuais das bases .....	48
1.10	Semântica .....	49
1.10.1	Classes semânticas.....	49
1.10.2	Heterossemia.....	50
1.10.3	Do sentido matricial aos sentidos cristalizados.....	57
1.11	Estudos sobre os prefixos do português: flutuações e invariantes .....	61
1.12	Preposições, prefixos e natureza dos produtos .....	71
1.13	As tênues fronteiras entre alguns prefixos e elementos presos de compostos .....	78
1.13.1	Propriedades comuns a prefixos e constituintes de composição.....	79
1.13.2	Propriedades diferenciais entre prefixos e constituintes de compostos.....	80
1.13.3	Escalaridade. Prefixos mais e menos prototípicos.....	88
1.14	Prefixos que já não são percebidos como prefixos e palavras [ $\pm$ complexas] não derivadas.....	91
<b>2.</b>	<b>Negação prefixal.....</b>	<b>95</b>
2.1	Derivados em <i>a(n)-</i> .....	97
2.2	Derivados em <i>des-</i> .....	98
2.3	Derivados em <i>in-</i> .....	103
2.4	Derivados em <i>contra-</i> .....	106
2.5	Derivados em <i>anti-</i> de negação, oposição, contrário .....	108
2.6	Derivados em <i>não-</i> .....	109
2.7	Síntese .....	112

<b>3. Prefixos atitudinais</b> .....	115
3.1 Derivados atitudinais em <i>anti-</i> e em <i>contra-</i> .....	115
3.2 Derivados em <i>pró-</i> .....	119
<b>4. Derivados em <i>re-</i> com valor iterativo</b> .....	123
<b>5. Expressão prefixal de conjunção: <i>co-</i></b> .....	129
<b>6. Expressão prefixal de movimento</b> .....	133
6.1 Expressão de ‘direção ou meta’ adlativa/aproximativa (‘em direção a’) ou ilativa (‘para dentro de’).....	134
6.2 Movimento de elatividade: ‘procedência, afastamento’, ‘para fora de’ .....	136
6.3 Movimento ascendente (‘de baixo para cima’) e descendente (‘de cima para baixo’).....	137
6.4 Movimento retroativo (‘para trás’) e movimento ‘para diante, tendente a’ .....	137
6.5 Movimento ‘através de’ e ‘para além de’ .....	138
<b>7. Expressão prefixal de localização espaço-temporal</b> .....	141
7.1 Verticalidade: ‘acima de’ vs. ‘abaixo de’ .....	144
7.2 Horizontalidade: frontalidade/anterioridade espacial vs. posterioridade espacial: ‘face a/em frente a’ vs. ‘atrás de/por trás de’ .....	145
7.3 Interioridade vs. exterioridade: ‘interior a/exterior a’, ‘fora de vs. dentro de’ .....	146

7.4	Medialidade: ‘no meio de, entre’ .....	147
7.5	Adjacência, lateralidade: ‘adjunto a’, ‘ao lado de’ .....	148
7.6	Circundância: ‘circundante a, à volta de’ .....	148
7.7	Limiaridade (cislmiaridade vs. translimiaridade): ‘aquém de’ vs. ‘além de’ .....	149
7.8	Transversalidade: ‘através de’ .....	151
7.9	Localização temporal .....	152
7.10	Quadro de prefixos de localização espaço-temporal e de movimento .....	153
<b>8.</b>	<b>Expressão prefixal de ordenação escalar (hierarquia, taxonomia, avaliação).....</b>	<b>157</b>
8.1	Prefixos e bases.....	157
8.2	Patamar excessivo, excepcional, ‘além de’ alguma(s) propriedade(s) do que a base denota.....	163
8.3	Patamar supremo, máximo de alguma(s) propriedade(s) do que a base denota.....	165
8.4	Patamar de limiaridade, de medianidade, de ‘proximidade/ mais ou menos próximo’ de alguma(s) propriedade(s) do que a base denota .....	168
8.4.1	Da partição equativa à medianidade, ‘mais ou menos’ .....	168
8.4.2	Limiaridade.....	171
8.5	Patamar ‘abaixo/aquém de’ alguma(s) propriedade(s) do que a base denota .....	173
<b>9.</b>	<b>Expressão prefixal de dimensão .....</b>	<b>175</b>

<b>10. Expressão prefixal de quantificação</b> .....	179
10.1 Quantidade holonímica.....	182
10.2 Quantidade precisa.....	182
10.2.1 Cardinalidade multiplicativa.....	182
10.2.2 Submúltiplos e divisores.....	184
10.3 Quantidade imprecisa.....	186
<b>11. Expressão prefixal de valor de identidade ((dis)semelhança, falsidade) e de dissonância/desconformidade</b> .....	189
<b>12. Expressão prefixal de reflexividade</b> .....	193
<b>13. Expressão prefixal de bilateralidade/reciprocidade</b> .....	195
<b>14. Da marginalidade locativa à limiaridade e proximidade ontológicas</b> .....	199
<b>15. Conspecto final</b> .....	201
<b>16. Exercícios: propostas e resolução</b> .....	207
16.1 Propostas de exercícios.....	208
16.2 Propostas de soluções .....	221
<b>17. Referências</b> .....	237
17.1 Fontes eletrônicas.....	247
17.2 Fontes literárias.....	247



## Lista de Quadros

<b>Quadro 1</b>	Algumas propriedades dos prefixos externos e dos internos.....	36
<b>Quadro 2</b>	Combinatória de prefixos com bases adjetivas [± relacionais].....	45
<b>Quadro 3</b>	(Im)possibilidades combinatórias entre classes adjetivais e classes prefixais: algumas tendências.....	45
<b>Quadro 4</b>	Algumas propriedades dos prefixos compatíveis com bases qualificativas/tipicamente predicativas e classificatórias/tipicamente não predicativas.....	47
<b>Quadro 5</b>	Combinatória de prefixos com bases/predicados [± perfetivos].....	49
<b>Quadro 6</b>	Heterossemia de alguns prefixos.....	52
<b>Quadro 7</b>	Manifestações de ‘abaixo de’ nos derivados em sub- (cf. Rio-Torto, 2012).....	53
<b>Quadro 8</b>	Para uma escala de especialização semântica de prefixos (cf. Rio-Torto; Nunes, 2009).....	54
<b>Quadro 9</b>	Relação de intermediação codificada por <i>inter-</i> (cf. Rio-Torto, 2012).....	55
<b>Quadro 10</b>	Constituintes prefixais e não prefixais em Bechara (2004) e em Cunha e Cintra (1984).....	62

<b>Quadro 11</b>	Prefixos, falsos prefixos e elementos de composição: Acordo Ortográfico (1990). .....	62
<b>Quadro 12</b>	Prefixos e não prefixos no Acordo Ortográfico de 1945...	63
<b>Quadro 13</b>	Alteração de estatuto [+ prefixal] em Varela e Martín García (1999) e em Varela (2005).....	65
<b>Quadro 14</b>	Unidades prefixais do português do Brasil (cf. Alves, 2000).....	65
<b>Quadro 15</b>	Classes de palavras compostas em Fernão de Oliveira (1536): “juntas” ou “compostas” e “tiradas” ou “derivadas” .....	67
<b>Quadro 16</b>	Estudos sobre prefixação no português realizados em Portugal .....	68
<b>Quadro 17</b>	Dados percentuais sobre os prefixos no português do Brasil organizados a partir de Alves (1993).....	69
<b>Quadro 18</b>	Escala de percentagens de uso de prefixos no português do Brasil .....	69
<b>Quadro 19</b>	Preposições latinas e portuguesas e respectivos prefixos nesta língua .....	74
<b>Quadro 20</b>	Escala de gramaticalização das preposições portuguesas (cf. Castilho, 2004).....	75
<b>Quadro 21</b>	Preposições portuguesas ± introdutoras de argumentos (cf. Neves, 2000) .....	76
<b>Quadro 22</b>	Marcas categoriais de constituintes neoclássicos.....	81
<b>Quadro 23</b>	Propriedades de prefixos e de constituintes de composição .....	82
<b>Quadro 24</b>	Constituintes de composição com posição variável.....	84
<b>Quadro 25</b>	Fronteiras vocálica e consonântica de constituintes prefixais e de composição: tendências dominantes.....	88
<b>Quadro 26</b>	Conspecto de propriedades comuns e não comuns a prefixos e constituintes de composição.....	90
<b>Quadro 27</b>	Classes de palavras quanto à sua [± composicionalidade] interna e à sua natureza [± derivada].....	92



<b>Quadro 28</b>	Prefixos portugueses prototípicos e respectivos produtos.....	96
<b>Quadro 29</b>	Tipos de bases compatíveis com <i>não</i> .....	111
<b>Quadro 30</b>	Expressão prefixal de oposição, negação, privação, contrariedade, contradição.....	113
<b>Quadro 31</b>	Expressão prefixal de oposição atitudinal.....	118
<b>Quadro 32</b>	Classes de derivados portadores do prefixo <i>re-</i> .....	123
<b>Quadro 33</b>	Classes de verbos e valores semânticos de <i>re-</i> .....	126
<b>Quadro 34</b>	Classes semânticas de verbos heterocategoriais prefixados em <i>a-</i> e em <i>en-</i> (Rio-Torto, 2004; Pereira, 2007).....	135
<b>Quadro 35</b>	Classes semânticas de verbos heterocategoriais prefixados em <i>es-</i> (Rio-Torto, 2004; Pereira, 2007) .....	136
<b>Quadro 36</b>	Expressão prefixal de movimento (literal e figural) e respectivos prefixos .....	139
<b>Quadro 37</b>	Classes de expressão prefixal de localização.....	142
<b>Quadro 38</b>	Verticalidade ('acima/abaixo de') e limiaridade ('aquém/além de').....	143
<b>Quadro 39</b>	Posição de superioridade e de inferioridade e respectivos prefixos .....	145
<b>Quadro 40</b>	Posição de anterioridade e de posterioridade e respectivos prefixos .....	146
<b>Quadro 41</b>	Posição de medialidade e respectivos prefixos .....	148
<b>Quadro 42</b>	Posição de circundância e respectivos prefixos .....	149
<b>Quadro 43</b>	Limiaridade ou distância/proximidade e respectivos prefixos.....	150
<b>Quadro 44</b>	Expressão prefixal de temporalidade .....	153
<b>Quadro 45</b>	Expressão prefixal de localização (espacial e/ou temporal) .....	154
<b>Quadro 46</b>	Expressão prefixal de avaliação .....	158
<b>Quadro 47</b>	Patamares de ordenação escalar avaliativa .....	161

<b>Quadro 48</b>	Natureza morfológica das bases com que <i>super-</i> se combina .....	165
<b>Quadro 49</b>	Combinatórias de <i>hemi-</i> , <i>mei-</i> e <i>semi-</i> .....	170
<b>Quadro 50</b>	Combinatórias de <i>hipo-</i> , <i>infra-</i> e <i>sub-</i> .....	173
<b>Quadro 51</b>	Expressão prefixal de dimensão.....	176
<b>Quadro 52</b>	Expressão prefixal de quantificação .....	180
<b>Quadro 53</b>	Expressão prefixal de identidade ((dis)semelhança, falsidade) .....	191
<b>Quadro 54</b>	Expressão prefixal de reflexividade.....	193
<b>Quadro 55</b>	Expressão prefixal de bilateralidade/reciprocidade .....	198
<b>Quadro 56</b>	Relações de interface heterossêmica .....	202
<b>Quadro 57</b>	Conspecto geral da distribuição dos prefixos por classes semânticas .....	205

## Lista de abreviaturas e convenções

A = adjetivo	i.e. = isto é
Adv. = advérbio	inf. = infinitivo
arc. = arcaico	ing. = inglês
cap. = capítulo	it. = italiano
cast. = castelhano	IT = índice temático
cat. = catalão	lat. = latim, latino(a)
cf. = confira	masc. = masculino
cit. = citado	med. = medieval
cláss. = clássico	N = nome
CD = complemento direto	PB = português do Brasil
CT = constituinte temático	PE = português europeu
ed. = edição	pl. = plural
esp. = espanhol	pop. = popular
ex. = exemplo	port. = português
fem. = feminino	prep. = preposição
fig. = figurado (sentido), figurativo	RA = radical adjetival
fr. = francês	rad. = radical
gr. = grego	RFP = regra de formação de palavras
GV= grupo verbal	RN = radical nominal
id. = idem	RV = radical verbal

séc. = século

sg. = singular

SN = sintagma nominal

SU = sujeito

suf. = sufixo

vs. = versus

V = verbo

VT = vogal temática

\* = forma agramatical

Quando não especificado, as descrições semânticas registradas representam uma síntese das obtidas (cf. Referências) a partir dos dicionários consultados (Aurélio, Michaelis, Porto Editora).

No conjunto das fontes eletrônicas consultadas, não se incluem na listagem final (cf. Referências) as que o foram de forma esporádica, sendo mencionadas no texto sempre que usadas.

## Prefácio

Com a profunda inserção na teoria e na análise morfológica que sua trajetória testemunha, a professora Graça Maria Rio-Torto se lança, nesta obra, à zona de mais espinhoso manejo dentro de tal campo de estudo: a da prefixação. Não à toa ela coloca como um tema inaugural, em sua obra, a consideração dos desafios que lhe cumpre enfrentar na empreitada. Não se pode dizer que essa proposição seja apenas retórica; o que ela representa, relevantemente, é um real finca-pé na direção de desenvolvimentos ainda mais profundos, rigorosos e significativos, nesse “domínio marcado por alguma obscuridade”, que é o da prefixação. Não é preciso dizer que essa noção de “obscuridade”, em relação ao exame das formas prefixadas, tem relação com outro processo morfológico, que é o de “composição”, ponto de discussão em que nossa autora entra, e com força, chegando mesmo à avaliação de casos que considera como de “fronteira com a composição”, de que são exemplos formações como “equidistante”, “pseudofunção”, “parassimpático”.

Começemos pelo simples fato de que, dentro das pesquisas que tomam como objeto a “formação de palavras”, a própria colocação tradicional em um plano comum de análise (no geral, sob a rubrica “derivação”) dos processos **prefixação** e **sufixação** constitui uma questão se não controversa, pelo menos escorregadia. O que ocorre é que as divergências históricas entre os pesquisadores, quanto a essa organização de quadro, não são meramente “de opinião” e não podem ser buscadas em puros aportes de

função argumentativa; elas têm seu cerne na própria ativação do processo morfológico, decorrendo não apenas da natureza particular de cada uma das duas “formas” que se organizam em uma palavra (ambas significativas, lembre-se), mas também daquela verdadeira “química” que ocorre na organização semântica da forma resultante. Assim postos em cotejo o processo de prefixação e o de sufixação, dificilmente poderá ser dito que o panorama seja de mera correlação, ou mera complementaridade, ou mera oposição. Aliás, não é de esquecer que o prefixo, nas línguas em geral (por exemplo, e de modo especialmente evidente, em grego clássico), já tem, originariamente, um estatuto de “classe de palavra” (prevalentemente, de preposição), e isso não é de desprezar, quando se examina, em contraponto, o estatuto dos sufixos, que já por definição são não autônomos.

É diante de tal complexidade que o texto conduz com muita clareza a importante noção da existência, no interior da palavra prefixada, de uma combinatória que parte de classes semânticas já previstas nos diversos domínios de organização e de processamento linguístico em língua portuguesa. Discute por todos os lados a resolução dessa combinatória, perseguindo regradamente a interfuncionalidade das duas peças envolvidas no processo de prefixação, com atenção especial para a complexidade que envolve a seleção (de classe e de semantismo), dos diferentes tipos de base, pelos diferentes prefixos (“preposicionais” ou “adverbiais”; ‘internos’ ou “externos”). Por exemplo, um prefixo de tal (sub)tipo elege uma base, e a resolução da combinatória lexical (e semântica) encaminha-se a partir da especificidade dessa base, que é, por exemplo: verbal ou adjetiva; transitiva ou intransitiva; estativa ou não estativa; télica ou não télica; adjetiva qualitativa ou relativa; (até) já prefixada, ou preposicionalmente ou adverbialmente; etc. Na contraparte, o texto nada fica a dever quanto à explicitação da possibilidade de um prefixo preposicional intervir na estrutura argumental ou no aspecto lexical (a *Aktionsart*) da base, ou até quanto à capacidade de determinados prefixos se reduplicarem, na combinação. E não falta, ainda, a abertura para uma visão menos presa à pura avaliação componencial, no que diz respeito ao semantismo das diferentes formas “prefixadas”: vai-se aos “sentidos lexicalizados”, que não anulam o valor matricial da forma, mas que se afastam em graus diversos do sentido composicional, chegando a apresentar-se de

uma forma considerada “cristalizada”. Vêm, e muito elucidativamente, como exemplos: o caso das palavras (gramaticalizadas) *entretanto* e *sobretudo*, consideradas como “totalmente cristalizadas no seu semantismo”, e o caso menos extremo de palavras do estoque mais lexical da língua (por exemplo, verbos), como “conviver”, “rebuscar”, “ressentir”.

A autora já instala seu estudo entrando na natureza semântica do processo (significativamente lembrando “modificação conceptual” e “reanálise”). Isso a leva a penetrar na “composicionalidade” das palavras prefixadas, bem como a lembrar a maior ou menor opacidade das formas, e ainda a contemplar, com pertinência, a possível visão holística que se pode chegar a ter de tais formas, em decorrência, por exemplo, de uma nova maneira de perceber como a palavra “é sentida”. Trata-se de um importante enquadramento teórico de processos internos à palavra (morfológicos) naquela típica visão funcional(ista) de que não se pode olhar os fatos gramaticais da língua (funções e categorias) por uma concepção de que na língua existam fronteiras estanques *a priori* estabelecidas.

Outra marca reveladora dessa sensibilidade é a atenção para a prototípia, de grande validade pelo que representa de um correto entendimento das relações da gramática com a cognição. Trata-se de um conceito que também decorre de admitir-se a existência de vaguidade nos limites categoriais, admissão que está na base de formulações que esta obra abriga (por exemplo: “os adjetivos relacionais comungam de várias propriedades com os nomes”) e que, por outro lado, está explicitamente assumida na apresentação da obra: “Em articulação com a teoria dos protótipos, adota-se uma concepção não discreta das unidades, das categorias e das funções linguísticas”. Essa sensibilidade para a consideração funcional dos fatos, já desde o plano da morfologia, é visível em outros pontos da obra, por exemplo, no tratamento das propriedades dos “adjetivos com comportamento nominal”, cuja discussão passa por observações como estas:

Estas propriedades confirmam a necessidade de as classes derivacionais serem consideradas de forma não discreta, mas em contínuo e em interface. [...] Uma visão não discreta, mas escalar, radial e interarticulada das diferentes funções de um prefixo explica o seu comportamento multifacetado [...]. (p. 73).

Fica evidenciada uma visão que não desconhece o relevante fato de que, no uso linguístico, há uma redefinição contínua da relação entre formas e funções, ou seja, uma redefinição contínua do sistema. E, aliás, por aí se vai, com muita felicidade, à “arquitetura da linguagem”, como lembra nossa autora, e conseqüentemente se vai à “arquitetura da gramática” (como lembro eu).

Afinal, com não menor destaque, merecem menção duas condutas de pesquisa que caracterizam e valorizam a obra: a abundante disponibilização de dados empíricos a abonar as considerações descritivas, e, a partir da descrição das classes semânticas, o avanço para apontamento de algumas delas como quase “universais”.

Cabe, enfim, registrar a felicidade e o orgulho de vermos publicada no Brasil esta obra de referência que se põe como de consulta imprescindível, tanto na sustentação de aparato teórico quanto na proposição de procedimento analítico, em estudos de morfologia que visem a atingir uma amplificada visão funcional da expressão prefixal em linguagem.

*Maria Helena de Moura Neves*



## Apresentação

Fabio Montermini deu a um livro seu o título *Il lato sinistro della morfologia. La prefissazione in italiano e nelle lingue del mondo*: ora, o adjetivo *sinistro* quer dizer ‘esquerdo’, pois os prefixos ocorrem à esquerda das unidades lexicais a que se acoplam, mas *sinistro* significa também ‘funesto, de mau agouro, ameaçador, sombrio, cruel’. Não diria que a prefixação tem esse lado funesto que tal título também pode sugerir, mas partilho da opinião de muitos falantes que consideram a prefixação como um domínio marcado por alguma obscuridade, o que torna a sua abordagem mais desafiadora.

A prefixação é um processo de construção de palavras cuja delimitação de fronteiras se revela espinhosa. Assim é porque a prefixação partilha características em comum com a composição, configurando um contínuo, em cada polo do qual há constituintes mais e menos prototípicos.

Não há dois entendimentos iguais sobre quais são os prefixos da língua portuguesa. Há divergências teóricas que presidem a cada forma de considerar o que são e o que não são prefixos por contraste com, por exemplo, os constituintes de composição, e quais são e quais não são os prefixos da língua. Como fonte dessas divergências, podem convocar-se as questões formais e morfológicas de delimitação dos constituintes e o facto de a semântica dos prefixos se revelar bastante reticente a uma unívoca organização.

Muitos dos prefixos da língua portuguesa têm origem em prefixos, em preposições ou em modificadores (adverbiais, adjetivais) greco-latinos, como se observa nos exemplos seguintes.

	Modificadores adverbiais/adjetivais	Preposições	
Origem grega	autoexame megamanifestação policultura pseudotronco	antibalas hipermercado hipoglicemia	
Origem latina	minicurso multicolorido pluridisciplinar recém-casado semiautomático	antecontrato coautor contra-argumento ex-polícia infrassom interligação pós-exílio	pré-datar pró-americano sobreaquecer submundo super-herói ultrarresistente

Mas o facto de assim ser, isto é, de os prefixos terem origem preposicional e/ou adverbial, não faz deles preposições ou advérbios. Durante largos séculos (cf. Rio-Torto, 2014c), e em consonância com os modelos teóricos da época, os prefixos da língua portuguesa foram encarados como ‘preposições que funcionam como prefixos’. Este estado de coisas é bastante saliente até à época de Jerônimo Soares Barbosa (1822), que identifica dezesseis preposições que, em seu entender, podem operar como prefixos (*a, ante, apoz, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, por, sem sob, sobre*). Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1916) diferencia os prefixos com origem preposicional (*a-, ante-, contra-, de-, em-, entre-, por-, sobre-, so-, sota-, soto-, tras-, tra-, trê-, ultra-*), dos prefixos de origem adverbial (*bem, bis, des, mal, menos, não, mil*). Mas alguns dos prefixos que arrola figuram em ambas as classes (*contra-, entre-, sobre-, so-*), o que corrobora a sublinhada polivalência destes formantes.

A semântica de cada um herda os traços que já possuíam na língua-mãe ao mesmo tempo que desenvolve outros que, ao longo dos séculos, se foram afirmando e consolidando na língua portuguesa, como nas demais línguas românicas. As modificações e extensões de sentido que alguns prefixos sofreram têm, pois, uma explicação diacrônica e conceptual, uma vez que, por exemplo, do primitivo valor locativo, literalmente considerado, se desenvolveram outros de localização conceptual, em que o cenário deixou

o estritamente espacial para se deslocar para o nocional e/ou o atitudinal. No âmbito da localização vertical, por exemplo, houve evolução no sentido da expressão da hierarquia, da taxonomia, da avaliação.

Com efeito, os prefixos não estão imunes às alterações de sentido e de valor que afetam todas as unidades lexicais, pelo que se observam inflexões semânticas de vária ordem. Por exemplo, em *coabitar*, *corresponsável* convergem o sentido de conjunção (cf. ‘habitar com’, ‘responsável em conjunto com’) e de não hierarquia, traduzível por ‘igualmente responsável’; já em *codiretor* o sentido de parceria coexiste, na prática, com o de colateralidade, de hierarquia, de tal modo que se infere que estamos perante um diretor/dirigente principal e um seu *codiretor* ou *subdiretor*. Na prefixação, como nos demais domínios do léxico, abundam fenômenos de reanálise e de modificação conceptual que conferem a palavras derivadas novos sentidos, quase sempre coindexáveis aos composicionais.

Os prefixos podem sofrer acentuado desgaste, de tal modo que a palavra em que ocorrem já não é sentida como derivada. Assim acontece, por exemplo, em *colaborar*, *compensar*, *expurgar*, *prejuízo*, *proeminente*, *reprovar*. Nesses casos, em que não há consciência da composicionalidade formal e semântica do todo, é provável que as palavras sejam processadas de modo holístico. Dada a sua opacidade, reserva-se-lhes um comentário *ad hoc* em cada secção. Palavras como *entretanto* ou *sobretudo*, que são opacas no que diz respeito à sua composicionalidade morfológica e semântica, encontrando-se totalmente cristalizadas no seu semantismo (não correspondem a ‘entre x’ ou a ‘sobre/acima de tudo’) e no seu valor funcional, não são aqui consideradas como prefixalmente decomponíveis.

O enquadramento teórico com base no qual se desenvolve a pesquisa aqui plasmada é bastante polidimensional, e amplamente testado ao longo da investigação realizada pelos professores-investigadores do ensino superior que integram a equipa do CELGA-ILTEC, Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (<http://celga.iltec.pt/>), sediado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e que nessa unidade de investigação e desenvolvimento (I&D) desenvolvem investigação sobre formação de palavras no português (Nunes, 2006, 2011; Pereira, 2000, 2007; Ribeiro, 2010; Ribeiro e Rio-Torto, 2010; Rio-Torto, 1993, 2004, 2006, 2012, 2014 a, b, c, 2016; e Rio-Torto e Ribeiro, 2009, 2012).

O quadro teórico poder-se-á descrever como léxico-semântico, e como claramente mais lexicalista que sintaticista, na medida em que, embora não ignorando as dimensões comuns à sintaxe e ao léxico duma língua, não subsume este na sintaxe, valorizando diferencialmente o modo como cada domínio se comporta para o funcionamento da linguagem.

O quadro de referências aqui usado apoia-se em Rodrigues (2008, 2012), nomeadamente na aplicação que esta faz ao léxico do modelo da ‘arquitetura da linguagem’ de Jackendoff e na reflexão empreendida por Pereira (2000, 2007) e por Nunes (2006, 2011) sobre a prefixação do português. No que diz respeito às fronteiras e relações entre a prefixação e a composição, escuda-se este trabalho na investigação desenvolvida por Ribeiro (2010), Ribeiro e Rio-Torto (2010), Rio-Torto (2014b, 2015, 2016) e Rio-Torto e Ribeiro (2009, 2012). Os estudos sobre o espanhol de Martín Garcia (1998, 2005), Felú Arquiola (2003), Fábregas (2005, 2010), Felú Arquiola e Fábregas (2003), Serrano-Dolader (2003) e S. Varela (1999, 2005), e os consagrados à composição por Scalise e Bisetto (2009), são também um suporte descritivo de grande influência no nosso pensamento. Em articulação com as teorias de protótipos, adota-se uma concepção não discreta das unidades, das categorias e das funções linguísticas.

Os dados empíricos foram recolhidos em fontes diversas:

- i. *corpora* contemporâneos, disponíveis em linha, nomeadamente
  - [www.portaldalinguaportuguesa.org](http://www.portaldalinguaportuguesa.org)
  - [www.linguateca.pt/CETEMPublico](http://www.linguateca.pt/CETEMPublico)
  - [www.linguateca.pt/CETENFolha](http://www.linguateca.pt/CETENFolha)
- ii. dicionários, muitos dos quais em linha e elencados nas Referências;
- iii. estudos sobre a prefixação.

Este livro encontra-se organizado da seguinte forma: o capítulo 1 é um capítulo introdutório, de explanação das propriedades dos prefixos e dos desafios teóricos que o seu estudo coloca.

Os capítulos 2 a 13 são de descrição das diferentes classes semânticas de prefixos. Antes das Referências, com que o livro termina, apresenta-se um capítulo de síntese das alterações semânticas registradas por alguns prefixos (cap. 14), um de conspecto final (cap. 15) e um de exercícios (cap. 16).